



PAISAGEM DE TOQUES E SONS: UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL DA CIDADE DE SÃO PAULO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DE DEFICIENTES VISUAIS

Tamara Mazagão Bromatti Silvestre
Solange T.de Lima Guimarães

RESUMO

Pessoas que adquiriram deficiência visual total ou parcial precisam desenvolver uma nova percepção do mundo à sua volta. Este estudo, conduzido sob a ótica da Percepção Ambiental, procura mostrar essa nova experiência do indivíduo, através de entrevistas com habitantes da cidade de São Paulo, um centro urbano que apresenta inúmeros obstáculos aos portadores de diferentes tipos de deficiência física. Ao final do estudo, apresentamos alternativas simples que podem tornar o ambiente urbano mais apto a receber esta parcela da população.

Palavras-chave: Ecologia de Paisagens, deficiência visual; percepção ambiental; ambiente urbano, experiência, valores.

ABSTRACT

People who acquired partial or total blindness have to develop a new perception of the world around them. This study, conducted under Environmental Perception concepts, aims to show this new experience created by the individual, through interviews with a sample from São Paulo city, a urban centre that presents numerous obstacles to those who have any kind of disabilities. At the end of this study we present simple alternatives turn the urban environment into a better adapted one.

Keywords: Landscape Ecology; blindness; environmental perception; urban Environment; experience; values

PAISAGEM DE TOQUES E SONS: UM ESTUDO DE PERCEPÇÃO

AMBIENTAL DA CIDADE DE SÃO PAULO ATRAVÉS DA EXPERIÊNCIA DE DEFICIENTES VISUAIS

Tamara Mazação Bromatti Silvestre
Solange T.de Lima Guimarães

A experiência ambiental é inerente à construção das paisagens e sociedades humanas, sendo inúmeras vezes cristalizada ainda que efemeramente, no decorrer dos tempos, em paisagens diferenciadas tanto pelas condições ecológicas e arquitetônicas, como por aquelas concernentes à dimensão cultural. Deste modo, à medida em que buscamos continuamente novas formas de sensibilização e percepção respectivas à experiência de paisagem, alcançamos o sentido do "vivido", do "habitar" ("dwelling") (BUTTNER and SEAMON: 1980; BUTTNER, 1985).

Esta dimensão, uma vez que apreende em si espaços e lugares distintos em suas gêneses e identidades, nos conduz à atribuição de valores e à construção de símbolos referentes aos elementos componentes ou a todo o conjunto de uma paisagem, no caso, as paisagens que envolvem nossas vidas, isto é, a "*paisagem vivida*". Assim, ao estabelecermos as relações entre experiência e percepção ambiental, podemos identificar atitudes, condutas e valores concernentes aos significados e às significâncias dos processos de gestão ambiental, de interesse para os estudos de ecologia urbana.

Ao considerarmos os segmentos da comunidade formada pelos deficientes visuais inseridos em uma área intensamente urbanizada, representada pela cidade de São Paulo (SP), observamos a emergência de várias preocupações, principalmente as questões que tangem à conservação e degradação do patrimônio natural e construído, das formas da cidade e de suas possibilidades de circulação através de seus vários espaços, das reais necessidades de meio ambiente adaptado visando a inclusão e não a exclusão espacial dos seus diferentes tipos de habitantes .

Sob este enfoque, as preocupações ligadas à sobrevivência das comunidades neste contexto ecológico e geográfico, podem ser encontradas intimamente vinculadas aos conceitos de "*qualidade ambiental*" e "*qualidade de vida*", enquanto faces de uma mesma questão, pelos níveis de impactos e riscos ambientais que a cidade apresenta, bem como, pelos efeitos espaciais e temporais decorrentes, sejam estes benéficos ou adversos. Sob uma dimensão mais profunda, poderíamos afirmar, concordando com BUTTNER (1985:172) sobre apreensão da experiência vivida, que também se trata de facetas da vida diária ("*lebenswelt*") e de seus espaços, definidos pela autora como "*um horizonte abrangente de nossas vidas individual e coletiva*", onde subjetividade e objetividade são expressas mediante o sentido da geograficidade. (DARDEL, 1952)

Esta geograficidade envolve as experiências com as paisagens naturais e construídas, tanto em seus aspectos positivos como os negativos, ao compreender os sentidos de espaço e lugar sob a visão das interrelações existentes nos processos da cognição, percepção e afetividade concernentes à construção das paisagens exteriores e interiores, ou seja, o sentido de "*landscape*" e "*inscape*", respectivamente.

Sob esta visão, RELPH (1979: 16), tece considerações referentes aos

vários ângulos e modos de experienciar as paisagens, ressaltando que, de todas estas experiências, *"talvez a do 'inscape' seja a mais importante para nós, por ser ela que dá profundidade e significado às paisagens, e que nos liga a ela, por reforçar nossa individualidade"*.

RELPH (1979), ainda em sua reflexão sobre a obra de DARDEL (1952), sob a dimensão fenomenológica, considera que não há experiência ambiental que não seja também uma experiência de paisagem, e segue discorrendo sobre o envolvimento e a interação dos homens com os diversos elementos da paisagem. Ainda também, discorre sobre os valores atribuídos às paisagens, à riqueza e multiplicidade de imagens e significados, consideradas as experiências de paisagem vivida e, sob uma dimensão mais profunda, de mundo vivido. (BUTTIMER, 1985).

Neste sentido, a percepção dos elementos, situações e causas que levam à conservação ou à degradação de uma paisagem vivida por diferentes segmentos de população pode conduzir a uma tomada de consciência respectiva ao experienciar cotidiano, em relação aos seus papéis enquanto atores sociais, assim como também em relação aos graus de interferência ativa e passiva nos processos ambientais e de gestão. (TOMMASI, 1994). A paisagem torna-se então um sistema integrado, uma dimensão espaço-temporal vivida, abarcando homens e ecossistemas em uma integração estrutural e funcional da geosfera, biosfera e tecnosfera (noosfera), ou segundo TROLL, citado por NAVEH e LIERBERMAN (1998), o *"Ecossistema Total Humano"*.

Neste contexto, as paisagens refletem um conjunto de significados diferentes e específicos para cada ser humano, conforme o caráter das intenções e a natureza apresentada pelos ambientes e ambiências encontrados ao longo de suas vidas. (RELPH, 1976; TUAN, 1977; 1982; LIMA, 1990)

A partir de nossa cognição, percepção e afetividade, elaboramos nossas concepções e imagens sobre as paisagens que nos envolvem, que se constituem em verdadeiros cenários com uma carga de significados que dizem respeito tanto às experiências diárias como às excepcionais. Isto equivale a dizer que é mediante o auxílio de nosso esquema corpóreo que tomamos consciência, significando conhecimento e ação, de que estamos mergulhados na paisagem. (COLLOT, 1986).

TUAN (1983: 153), partindo da premissa que *"lugar é uma pausa no movimento"*, também avalia as experiências ambientais, destacando os aspectos relacionados à percepção e construção do sentido e da estruturação e visibilidade da paisagem, através dos seus espaços e lugares. Assim, considera que são os órgãos sensoriais e as experiências que permitem aos homens expressar seus sentimentos concernentes às realidades paisagísticas, sejam referentes às paisagens externas ou internas, aos ambientes ou as ambiências.

A compreensão dos valores atribuídos à paisagem vivida reveste-se de relevância para as sociedades diante das crescentes necessidades humanas, onde qualidade ambiental e de vida não podem nem devem estar divorciadas dos aspectos envolvidos na construção, adaptação e recuperação de ecossistemas naturais e construídos, diante da emergência contínua de cenários de degradação e deterioração e dos impactos ambientais decorrentes.

As discussões e questionamentos em torno dos problemas do meio ambiente emergem a cada novo dia, apresentando as novas faces de antigas situações. No tocante à qualidade de vida urbana, muitos aspectos pertinentes à

degradação de natureza sócio-ambiental tem levado a comunidade a exercer efetivamente seus direitos e deveres de cidadania e , em muitos casos, de justiça social e ambiental, através de medidas de ajustamento, campanhas temáticas de conscientização, denúncias públicas, entre outras.

Todavia, observamos ainda em todos estes processos, uma descontinuidade nas dinâmicas de suas ações e reações, acarretando atitudes e condutas contraditórias, muitas em razão do próprio desconhecimento das situações e/ou da falta de estudos e informações sobre os níveis de percepção e experiência ambiental das populações sobre as áreas de entorno.

Deste modo, a experiência de paisagem vinculada à percepção e interpretação das muitas realidades ambientais, permite-nos uma compreensão dos valores atribuídos a elas, bem como das formas de conhecimento, construção e representações destas paisagens naturais ou construídas. As múltiplas percepções e imagens de uma única paisagem passam a traduzir os anseios, as expectativas das pessoas em relação à organização de seu espaço vivido, mediando a construção de seus geossímbolos, de sua identidade.

Mediante este trabalho, buscamos desenvolver uma reflexão sobre a percepção e a experiência de paisagem por um grupo de deficientes visuais adquiridos, sendo a cidade de São Paulo selecionada como a paisagem vivida sob diferentes modalidades, incluindo aqueles aspectos relacionados à inclusão e à exclusão espacial. No caso, aspectos relacionados à inadequação, à variabilidade e à instabilidade das estruturas e infraestruturas urbanas para segmentos especiais da população, isto é, deficientes visuais e com dificuldades de locomoção, significam na atualidade, fatores de restrição e exclusão.

Assim, o conhecimento, a interpretação e avaliação da percepção e experiência do "outro" podem propiciar outras possibilidades de explorar novas vivências em cada horizonte ou dimensão de um espaço ou de um lugar, ao considerarmos a existência e o aperfeiçoamento de estruturas e elementos respectivos às infraestruturas urbanísticas, devidamente adaptados e inseridos na paisagem de uma cidade a ser experienciada e "*habitada*", através de toques e sons.

I - Panorama da Deficiência Visual no Brasil

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1991, havia o registro de 23.563 casos de deficientes visuais no estado de São Paulo, entre os quais 20.573 verificados em áreas urbanas. Estes casos correspondem a 18,22% de todos os casos existentes no Brasil, sendo em torno de 145.857 ocorrências registradas. Entretanto, não estão definidos ou especificados quantos são os casos de deficiência adquirida e quantos são casos natos.

Ainda segundo informações veiculadas através da página eletrônica www.vempravida.com.br , a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que de 15 a 25% das populações dos países em desenvolvimento sejam compostas por deficientes físicos, entre os quais estão incluídos os visuais. Em nosso país, esta porcentagem representa aproximadamente 20 milhões de pessoas portadoras de algum tipo de deficiência.

No Brasil, a situação dos deficientes visuais apresentou um significativo desenvolvimento a partir dos anos 80 e 90, com a criação de legislações específicas que visam não apenas a garantia de seus direitos de cidadania, mas

também a integração desta parcela da população, buscando assegurar melhores níveis de qualidade de vida.

Neste sentido, encontramos a Lei 8.112/90, da Constituição Federal de 1988, onde temos uma reserva de vagas para cargos e empregos públicos destinadas aos deficientes em concursos públicos. Há ainda o Decreto 3298, de 20 de dezembro de 1999, que regulamenta a Lei 7853, de 24 de outubro de 1989, respectiva à Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. O Artigo 2^o desse decreto determina que *"órgãos e entidades do poder público (...) devem assegurar à pessoa portadora de deficiência o pleno exercício de seus direitos básicos..."* Tais direitos são enumerados, porém, para este estudo selecionamos fatores relacionados ao contexto da paisagem urbana, percebida e experienciada pelos portadores de deficiência visual adquirida, tendo em vista que no Capítulo IV, em seu artigo 7, temos a referência ao livre *"acesso, ingresso e permanência do deficiente em todos os serviços oferecidos à comunidade"*.

Finalmente, o Capítulo VII, Seção III, Art.30, garante ao deficiente o direito de habilitação e reabilitação profissional; a Seção IV, Art.54 garante acesso ao trabalho e a Seção V, Art.46, refere-se ao direito à cultura, desporto e lazer. Todas as Seções apontam o Governo através de seus diversos órgãos e entidades como responsável por garantir o cumprimento desse decreto. Entretanto, na maioria das situações vivenciadas no cotidiano dos deficientes, estes direitos não estão sendo tratados como deveriam ser, verificando-se em muitos casos um total desconhecimento do conteúdo destas legislações, bem como de sinais de displicência e desrespeito na forma de abordar as questões decorrentes da ausência de infraestruturas adequadas ou pertinentes ao cumprimento da legislação em vigor.

Sob este contexto, entidades como o Instituto LARAMARA; DORINA NOWELL; ADEVA e órgãos públicos como a Estação Especial da Lapa, todos na cidade de São Paulo, auxiliam os deficientes visuais a ter uma vida normal e independente, dando-lhes capacitação profissional, treinamentos para o uso de bengala, de leitura Braille, além de serem fontes onde o deficiente pode buscar indicações de bibliotecas, cursos, exposições e outros eventos culturais, assim como de outros lugares onde encontrará espaços culturais e recreacionais com recursos adaptados à condição dos deficientes visuais, por consequência, também com dificuldade de locomoção.

Deste modo, realizamos este estudo com o objetivo de analisar e interpretar, sob a ótica dos estudos de ecologia de paisagens, a percepção ambiental de pessoas que adquiriram deficiências visuais: a maneira que o entorno passa a fazer parte de sua vida, a permanência das imagens (memória visual), seus valores e significados, a importância e a interação com a paisagem da cidade de São Paulo, para posterior proposição de atividades, considerados os processos interativos entre o Homem e sua paisagem vivida.

Desta forma, optamos por uma amostragem qualitativa, mediante entrevistas onde registramos o relato das próprias experiências dos deficientes, bem como da aplicação de questionário. A entrevista era formada por três partes: I) Perfil do entrevistado; II) Percepção e Experiência da Paisagem da Cidade de São Paulo; III) Conhecimentos sobre Meio Ambiente.

Na primeira parte, procuramos identificar características gerais das pessoas entrevistadas, traçando um breve perfil do deficiente visual da

amostragem. Na segunda parte, buscamos identificar elementos ou situações que acreditavam ser positivos ou negativos, ou seja, das qualidades e defeitos, suas vantagens e desvantagens, além de outras características, apontando imagens da cidade de São Paulo, a partir da percepção que os entrevistados demonstraram ter da mesma. A terceira parte da entrevista, constituiu-se de perguntas abertas e diretas sobre Ecologia e Meio Ambiente, visando a identificação dos níveis de conhecimento dos entrevistados em relação ao tema.

As entrevistas foram realizadas com o apoio institucional da LARAMARA - Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, existente desde 1991, e que já alcança reconhecimento internacional, dispendo de programas de habilitação e reabilitação, preparação para o trabalho, arte e cultura, apoio à família, criação e produção de recursos, além de outras atividades de lazer tais como acampamentos, de modo a reintegrar o deficiente à sociedade.

II - A IMAGEM DA CIDADE: PERCEPÇÃO E EXPERIÊNCIA DO DEFICIENTE VISUAL

Quando solicitados a descrever a paisagem da cidade para um deficiente visual de nascença, os entrevistados (que adquiriram deficiências visuais em diferentes momentos da vida), apresentaram respostas levando em conta, principalmente, o senso comum e as percepções e sensações anteriores e já associadas à imagem metropolitana de São Paulo: "*grande*", "*movimentada*", "*populosa*", "*barulhenta*", "*muito trabalho*":

"Muito confusa. Barulho, com bons lugares quietos que precisam ser procurados. Muita agitação. Parques para relaxar próximos de bairros agitados. Excesso de população, morte, fogos, cães." (SRCL, F, 35 anos, 15 anos DVA)

"Um lugar quadrado, cheio de prédios, viadutos, passarelas, muitos carros circulando, muitos faróis (parece uma árvore de Natal)" (AOC, M, 27 anos, 04 anos DVA)

"Muito movimentada. Muitos prédios, muita gente, muitos carros, calçadas estreitas, com camelôs e buracos. Apesar de tudo, tem bastante recursos, principalmente para deficientes visuais." (RCLM, M, 23 anos, 03 anos DVA)

"Uma cidade com muitas avenidas, muito movimento de carros, pessoas, muitas lojas, filas, barraquinhos, camelôs. Está sempre todo mundo 'com pressa'. Muito emprego e trabalho. Congestionamento." (SMLT, M, 29 anos, 10 anos DVA)

"Fisicamente feia. Bagunçada porque cresceu desorganizada. Bom de se viver pela facilidade" (ZSC, F, 25 anos, 05 anos DVA)

"Grandes arranha-céus, muita pobreza, favelas, túneis, viadutos, grandes avenidas, rios poluídos, trânsito insuportável." (MO, M, 59 anos, 12 anos DVA)

De modo geral, a opinião de cada um se manifestou na descrição, ao atribuírem qualidades positivas ou negativas à cidade (boa, ruim, divertida, violenta, agradável, poluída) devido às suas próprias experiências diretas e indiretas, enfatizando aspectos na construção das imagens que apontam circunstâncias específicas e significativas aos portadores de deficiências visuais e com dificuldades de locomoção em geral. Devido a esta razão, a grande maioria dos entrevistados apresentou atitudes e condutas muito claras relativas ao cumprimento de seu papel de cidadãos, sabendo que há deveres e direitos, agindo pelo bem comum ou ao menos esforçando-se para não invadir a

liberdade e o espaço alheios.

Esta característica deriva claramente das mudanças de condições, principalmente em relação ao uso dos equipamentos e infraestruturas urbanas e à sua situação de dependência destes recursos. Os entrevistados mostraram-se 100% dependentes do transporte público, em especial, das linhas de metrô e de ônibus. Também registramos uma busca por espaços culturais e de lazer, sendo frequentadores assíduos de parques, restaurantes, bares, entidades como o SESC/Pompéia, ou o Centro Cultural Vergueiro/Biblioteca Lapa, onde existem alternativas de entretenimento, a exemplo de apresentações artísticas e também biblioteca Braille.

Os espaços culturais e os esportivos são muito valorizados e comumente utilizados para atividades de socialização e reintegração. Esta característica é influenciada pela convivência no LARAMARA, onde participam de cursos e grupos. Observamos que os entrevistados são muito sociáveis e quando não têm na família o apoio necessário, podem encontrá-lo em amigos, sejam também deficientes ou não.

A diversidade e dinâmica da cidade de São Paulo levaram os entrevistados a afirmarem que é "*uma cidade querida*", demonstrando grande afetividade, evidenciando a construção de sentimentos topofílicos. São Paulo representa para todos os entrevistados a chance de uma "*vida normal*", graças à sua infraestrutura extremamente complexa e à presença de entidades de todos os tipos, incluindo aquelas dedicadas aos portadores de deficiências visuais.

Surpreendentemente, apenas ¼ da amostra enumerou características negativas associadas às imagens da cidade, que somente ou particularmente afetam deficientes visuais, enquanto obstáculos físicos para o deslocamento do deficiente visual, tais como:

- 1- postes de ferro;
- 2- calçadas irregulares;
- 3- "orelhões" telefônicos (cabins telefônicas);
- 4- disposição indevida de lixeiras e caixas de correio na área das calçadas;
- 5- guias rebaixadas;
- 6- bancas de camelôs;
- 7- ausência de semáforos sonoros;
- 8- carros estacionados sobre as calçadas;
- 9- falta de consciência e auxílio;

Entretanto, a maioria dos entrevistados citou aspectos e problemas comuns na paisagem dos grandes centros urbanos, como trânsito, superpopulação, desemprego, criminalidade, etc. É evidente que problemas como restrições no sistema de transporte coletivo (que nem sempre dispõe de auxílio ao deficiente seja em qual categoria estiver), buracos nas calçadas, carros estacionados sobre as mesmas, barracas de vendedores ambulantes e índices elevados de ruídos afetam toda a população, porém, os deficientes visuais percebem estas condições de modo intensificado, pois alguns sinais importantes na paisagem urbana para eles, acabam sendo perdidos ou diluídos,

graças à poluição e desrespeito às normas.

É realmente desalentador pensarmos que medidas simples como "*mini tartarugas arredondadas*" em guias de rua rebaixadas, pedestais de cimento para postes e orelhões (estes com rampas para não causarem barreiras para outros deficientes físicos), ou ainda sinais sonoros em semáforos são inexistentes ou em alguns poucos casos, insuficientes. Um bom exemplo são os sinais sonoros de trânsito que só existem próximos às instituições como o LARAMARA e a Estação Especial da Lapa, onde há cursos e atividades para deficientes visuais.

Neste sentido, registramos através das expressões dos entrevistados, um misto de revolta, tristeza e cobranças quando fazem referências aos problemas da cidade, assim como a emergência de sentimentos tofóbicos como o medo:

"São Paulo é cidade de medo...não sabe se volta."

"São Paulo é medo, por causa da violência."

"Violência.Criminalidade.Machuca São Paulo."

"Muito movimento...atravessar avenidas, principalmente em dia de chuva"

"Ônibus lotado, trem e trânsito."

Distinguimos entre eles, dois grupos bem distintos: os que temem a cidade de São Paulo enquanto uma paisagem de medo (TUAN, 1979) por consequência da própria deficiência visual, e aqueles que temem a cidade por suas características particulares, tais como a violência, acidentes, etc. Todavia, seria necessário estudar a história de vida de cada entrevistado de forma mais profunda, para podermos afirmar se há ou não razões particulares para isso, mas é interessante notar que o tempo de deficiência não é , de modo algum, determinante nesta característica.

Devemos ressaltar que, as imagens da cidade de São Paulo construídas pelos entrevistados, revelam uma paisagem de medo, onde podemos observar a ocorrência de sentimentos tofóbicos em diversos níveis (LIMA, 1997), como elementos da experiência ambiental de cada deficiente visual adquirido, restringindo a liberdade pessoal de cada um tanto pelas dificuldades impostas por uma cidade sem mecanismos de ajustes e adaptações paisagísticas, como pela condição sócio-econômica e cultural encontrada.

Entretanto, ainda podemos observar também em relação a mesma paisagem urbana, a ocorrência de sentimentos tofílicos e tofóbicos concomitantes. O medo restringe a liberdade ou as restrições sensoriais e de locomoção levam ao medo? A paisagem vivida se transforma de familiar a desconhecida, os antigos referenciais visuais paisagísticos já não existem mais, os desafios multiplicam-se, assim como também as restrições decorrentes de obstáculos , barreiras e constrangimentos diante da falta de mecanismos de ajustes e processos diversos de adaptação aplicados à paisagem urbana.

O afeto em relação à cidade ocorre pela gama de opções que ela oferece, quando comparada a outras cidades, mesmo esta oferta sendo reduzida e limitada pela má divulgação, distribuição e disponibilidade das mesmas, observando-se uma complexa combinação de tofilia e tofobia. (TUAN, 1980).

À paisagem cotidiana e às imagens ambientais já conhecidas, uma nova paisagem se impõe, desconhecida, sem referenciais, sem memória, sem imagens. Neste sentido, apenas as antigas imagens permanecem na memória formando um elo entre a paisagem conhecida e aquela que precisa ser descoberta, embora sejam formadas pelos mesmos espaços e lugares.

A experiência de familiaridade, intimidade com a paisagem é perdida: os referenciais devem ser novamente construídos, adaptados as novas necessidades. A percepção ambiental deve ser estimulada através de outros sentidos, tais como o tato e a audição. A paisagem vivida deve agora ser experienciada mediante toques e sons. As imagens deixam de ser visuais e passam a traduzir os lugares e os espaços através de cheiros, sons, texturas, formas...

Assim, observamos que a maioria dos entrevistados prefere as sensações táteis ao som na hora de guiar-se e locomover-se. Quando ambos são citados, ainda a maior parte dos deficientes visuais enfatiza o tato. Todos usam bengalas, mas para alguns o som é substituto da visão, assim como para outros o "*ver com as mãos*".

Exatamente 50% da amostragem, afirmou que as restrições impostas pela cidade às suas vidas deriva ou é consequência direta da deficiência visual adquirida. Anteriormente, eram pessoas economicamente ativas, gozando de independência pessoal e material, vendo-se hoje limitadas, dependentes, fragilizadas pela condição de dependência, e, na maioria dos casos, desempregadas. Dos entrevistados, 50% trabalhavam quando adquiriram a deficiência e os outros estavam em idade escolar, sendo muitos no ensino médio. Com as novas condições impostas pela situação de deficientes, todos sentem dificuldades em conseguir empregos, apesar da legislação vigente (Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência, Decreto 3.706, 01/06/99)

Muitos dos entrevistados apenas concluíram o ensino médio depois de iniciarem os cursos do Instituto, sejam os práticos como os de apoio psicológico. Atualmente, cerca de 58% da amostragem está empregada, apresentando em 50% dos casos, uma renda inferior a cinco salários mínimos. Somente, 8% dos entrevistados afirmou possuir renda entre 10 e 20 salários mínimos, e, 25%, entre 05 e 10 salários mínimos. O restante não possui renda fixa ou não informou sobre os dados. Muitos deles que estão empregados atualmente, são funcionários da própria instituição LARAMARA.

O tempo de deficiência visual dos entrevistados, em anos, constitui um importante fator relacionado à memória das imagens paisagísticas ou de seus componentes. Em torno de 41% dos entrevistados, informaram que adquiriram a deficiência entre 01 a 10 anos, e, 59% apresentam 100% de deficiência visual, fatos que contribuíram para uma certa homogeneidade na análise da memória visual de cores e formas associadas às descrições de paisagens e à evocação de antigas imagens de lugares. A paisagem de São Paulo foi descrita como "*cidade cinza*". Interessante observar que em muitos casos, a descrição da cidade vem associada a frases de senso comum, ou permeada de emoções pessoais.

Contudo, observamos que os sentimentos topofílicos parecem compensar os topofóbicos, nos vários aspectos concernentes à paisagem da cidade de São Paulo. Cerca de 83% dos entrevistados associam a imagem da cidade a referências positivas, afetuosas, tais como, "*minha casa*", "*boa*", "*meu lar*",

refletindo sentimentos intensamente marcados por uma topofilia, na identificação desta paisagem tão contraditória, pois ao mesmo tempo em que causa o medo, gera sensações de proteção, de conforto, de intimidade, de afeto.

Devido a estas razões, foi perguntado às pessoas da amostragem, quais seriam suas sugestões para melhorar o meio ambiente e o espaço urbano. Foi muito interessante percebermos que as respostas indicaram que "*espaço urbano*" supõe medidas administrativas para solucionar problemas como transportes públicos, moradias populares, empregos. Para "*meio ambiente*", foram registradas percepções relacionadas a consciência, educação e arborização. Notamos que mais de 50% dos entrevistados definiu "*como meio ambiente o lugar em que vivemos*". Deste modo, podemos inferir que os entrevistados percebem e compreendem a cidade como seu meio ambiente, enquanto paisagem vivida. Intuitivamente houve uma distinção entre os dois termos, sem indicar dicotomia: o "*espaço urbano*" está inserido, ou compõe, o "*meio ambiente*" da cidade de São Paulo, ou ainda, o ambiente da cidade é composto por elementos urbanos.

III - CONCEITOS, IMAGENS E PERCEPÇÕES

Quando os entrevistados foram questionados sobre "*o que é ecologia?*" e "*o que é poluição?*", a análise das respostas foi bem menos animadora, considerados os diferentes graus de interpretação e compreensão dos termos. Apenas uma pequena parte dos entrevistados afirmou que a ecologia é uma ciência, sendo que os outros deram respostas em que haviam alguns conceitos tais como "*estudo da vida*" e "*sistema*". Também verificamos que muitos não responderam ou deram respostas inadequadas.

O grau de desinformação a respeito destes conceitos foi relevante, demonstrando a insuficiência de programas de Educação e Conservação Ambiental direcionados à difusão de conceitos básicos em Ecologia, como também de conceitos ecológicos aplicados no cotidiano.

Quanto à "*poluição*", o resultado apresentado foi mais positivo, observando-se que embora 50% dos entrevistados tenham, de algum modo, tentado definir poluição, nenhum deixou de exemplificá-la ou o fez erroneamente. Os dois tipos mais citados foram a poluição do ar e a sonora, ambas de efeito direto sobre o indivíduo.

Curiosamente, apesar de ser um assunto exaustivamente divulgado na mídia e de ocorrência freqüente na cidade de São Paulo, a poluição das águas não foi nenhuma vez citada, ao passo que a visual foi em duas ocasiões, uma quando perguntado "*O que é poluição?*", questionamento que foi repetidamente respondido através de exemplos: "*sonora*", "*visual*", "*dos carros*".

Quando formulada a pergunta: "*Qual o tipo de poluição que mais o incomoda?*" Ao responder "*a visual*", o entrevistado trouxe à reflexão dois pontos interessantes: 1) a percepção visual da cidade; 2) a permanência de uma forte memória visual. Atribuímos os fatos à construção e preservação de suas imagens mentais (representações) anteriormente desenvolvidas, isto é, antes de adquirirem a deficiência visual, e, também, ao fato destas imagens ainda constituírem referenciais significantes para a construção de um novo conhecimento sobre a cidade, devido as novas experiências e representações ambientais.

Ainda sobre "*poluição*", verificamos que algumas respostas como "*lavagem*

cerebral em programas de rádio", também foram consideradas como exemplos, e o mesmo entrevistado a definiu como *"tudo que é prejudicial à saúde psicológica, mental, física, olfativa, etc"* Observamos nesta resposta um pensamento de que poluição não é apenas decorrente de alterações ambientais, entretanto, é excluído aqui o efeito que a poluição tem sobre o meio., enfatizando a pessoa e sua qualidade de vida individual e coletivamente.

Deste modo, 50% da amostragem citou a poluição do ar como sendo a mais incômoda, e 30%, a sonora, apesar da audição não ter sido considerada o sentido mais importante para a locomoção do deficiente visual na cidade, e sim o tato, pelo maior número dos entrevistados.

Uma porcentagem significativa da amostra, isto é cerca de 41%, não toma ciência ou tem qualquer conhecimento de ações referentes ao meio ambiente, desconhecendo projetos que estejam em andamento. A mesma porcentagem tem a televisão como principal fonte de informação, 16% recebem informações através de jornais (lidos por terceiros), e 25%, de emissoras de rádio.

Se entre os entrevistados da amostragem que tendo acesso à informações, apenas 1/6 deles soube expressar *"o que é ecologia?"*, como não inferir que a maioria da população também não seria capaz de fazê-lo, uma vez considerado que as fontes de informações são as mesmas para a grande maioria das pessoas?

Apenas 25% dos entrevistados não acreditam que possam fazer algo pelo meio ambiente. Os 75% restantes, acreditam que qualquer pequena ação é benéfica, desde *"jogar o lixo no lixo"* até reciclar (muitas vezes entendida como reutilização). Não há entre eles qualquer manifestação conservacionista, entretanto. Embora *"plantar árvores"* seja uma opção de *"ajudar"* o meio, não há respostas como *"economizar água"*, registrando-se mais uma vez o peso da mídia no sentido de manutenção de suas imagens relativas à qualidade ambiental. Aquilo que é veiculado em rádio ou televisão é acatado, assimilado, mas esses níveis de informações são insuficientes para ações mais efetivas por parte dos indivíduos e da comunidade.

Um outro ponto interessante para ser explorado é a integração que o deficiente visual tem com o seu entorno. A dependência do tato e da audição apura os sentidos da pessoa, levando esta a se tornar consciente de ser parte de sua paisagem vivida, elemento significativo nas interações com o sistema. Embora hajam dicotomias entre as percepções de meio ambiente e espaço urbano, a integração e combinação dos seus vários aspectos conferem o sentido de *"lar"* à paisagem, sendo necessária a sua preservação e desenvolvimento de melhorias.

Dentre os entrevistados, 75% moram próximos à áreas verdes, parques, praças ou áreas afins, e a mesma quantidade de pessoas freqüenta áreas como estas. Dois pontos significativos foram expressos: 1) apenas um dos entrevistados afirmou não morar próximo a tais áreas, e também disse não freqüentá-las . Isto tanto pode ser um indicador de desconhecimento dos espaços urbanos da circunvizinhança, assim como também das infraestruturas e dos equipamentos institucionais disponíveis, a exemplo das praças, parques, etc, e não necessariamente uma deficiência de tais instalações.

O segundo ponto, é o fato daqueles que freqüentam áreas do gênero, muitas vezes, necessitarem deslocar-se por grandes distâncias para chegar aos grandes parques ou a outras áreas culturais e recreacionais da cidade, mesmo

havendo opções mais próximas. Entretanto vários motivos foram alegados para justificarem estes deslocamentos e sentimento de exclusão de alguns espaços urbanos:

1- A segurança é ponto fundamental para o uso público nestas áreas, principalmente, no caso de deficientes visuais que necessitam de assistência em diversos momentos, seja em razão da própria deficiência, como da falta de infraestruturas adequadas.

2- Por mais insuficiente e, até mesmo inexistente, que seja a infraestrutura dos equipamentos urbanos, a exemplo dos grandes parques, como o Ibirapuera, ainda pode-se dizer que ela existe. Parques de menor destaque em âmbito regional, de relevância local apenas, muitas vezes não oferecem infraestrutura básica, como calçamento, guias definidas, banheiros públicos e funcionários em número suficiente, entre outros aspectos. Para o deficiente este tipo de "detalhe" faz toda a diferença.

Neste sentido, podemos indagar: *"Há demonstração de interesse pelas administrações regionais em realizar melhorias nestes espaços, ou deve-se esta situação ao desconhecimento tanto da existência como da importância de tais áreas e das necessidades reais deste segmento de população, pelo poder público?"*

Registramos também, a falta de iniciativa do cidadão. Sob este aspecto, tem-se que ressaltar o fato do deficiente visual ser um cidadão muito mais consciente de seus direitos e deveres, e até de suas necessidades quando comparado ao não deficiente. Talvez pelas condições das infraestruturas apresentadas, e também por restrições de ordem pessoal, o deficiente visual busque sempre locais públicos ou semi-públicos que apresentem condições mais aptas para recebê-los.

O deficiente visual de nossa amostragem, não apenas questiona e reivindica medidas e melhorias de adaptação dos equipamentos e elementos da paisagem urbana, mas entende e age de modo a evitar impactos negativos no ambiente como um todo. Fazer algo pelo meio ambiente é instintivo, e ações como não sujar ruas e calçadas, procurar reciclar, plantar árvores, são exemplos de atividades que podem ser executadas por qualquer um, de acordo com os próprios entrevistados. Mas à exceção de *"não jogar papel na rua"*, que outras atitudes e condutas conservacionistas são tomadas a rigor?

Quando questionados sobre o desejo de fazer cursos relacionados a meio ambiente, todos se disseram interessados. Entretanto, apesar de terem noções de reciclagem (nem sempre sendo capaz de explicarem de forma clara ou correta o que seria, e até mesmo fazendo confusão com a noção de reutilizar, apenas 33,5% souberam), em torno de 41,67% dos entrevistados afirmaram reciclar ou separar materiais para reciclagem. Quanto à idéia de resíduos (lixo), 66,6% dos entrevistados considerou o lixo algo negativo, sendo que 33,3% , percebem o lixo como matéria-prima para processos de reciclagem.

Outras respostas deixaram claro que *"energia"* e *"água"* são considerados importantes, até mesmo vitais para o meio ambiente e suas comunidades. Durante as entrevistas, nenhuma vez *"água"*, *"energia (ou fontes de)"*, e a *"poluição da primeira"* ou *"escassez da(s) última(s)"* foram citadas. Isto demonstra o quanto a vivência nos ecossistemas urbanos de certo modo, *"isola"*, *"distancia"*, levando as pessoas dissociarem muitos dos *"elementos naturais"* presentes na paisagem cotidiana.

Estas situações onde verificamos a alienação, a dissociação e restrição da percepção e da experiência ambientais, conseqüentemente, limita as ações dos cidadãos, exceto quando externamente estimulados, a exemplos de manifestações de grupos e ONGs ambientalistas, seja pela participação direta ou pela mídia e outros programas especiais.

Através da análise das respostas, percebemos o quanto a educação e a informação voltadas para a qualidade ambiental e de vida são deficientes e falhas em atingir seus objetivos nas comunidades, em especial quanto aos programas destinados especificamente a esta parcela da população. Embora desenvolvimento sustentável e suas ações sejam temas bastante discutidos e divulgados na atualidade pela mídia, nenhum entrevistado sabia do que se tratava.

A questão mais importante que se levanta é por que não treinar, educar e capacitar estes cidadãos hábeis e dedicados, que evidentemente se interessam pelo bem-estar social aliado à qualidade ambiental, e estão dispostos a trabalhar para conseguí-la, tendo uma visão integrada da sociedade?

Mediante o jogo de associações, procurou-se focar os lados afetivo e emocional dos entrevistados, de modo a possibilitar uma análise mais atenta das respostas dadas. Devemos ressaltar, todavia, que sempre se considerou o conjunto das respostas para a elaboração de questões e afirmações.

Distinguimos claramente dois grupos: o primeiro e menor, cuja característica marcante é a de não se arriscar nem planejar o futuro, vivendo intensamente o presente, atuando aqui e agora. O segundo, maior, e mais otimista em relação ao futuro, menos imediatista, porém, muito ansioso em termos de criação de expectativas.

Cerca de 83% dos entrevistados se referem a cidade de São Paulo através da associação de imagens positivas e afetuosas, tais como, "*minha casa*". Somente 34% fizeram o mesmo tipo de associação entre "meio ambiente" e a cidade de São Paulo. Já, 58% dissociaram totalmente as duas coisas, reforçando a análise anterior relativa à água e à energia. No entanto, 8% fizeram o inverso: sua percepção de "*meio ambiente*" foi sintetizada em "*planeta Terra*", demonstrando imagens e sentimentos topofilicos em níveis diferenciados quanto aos conceitos de espaço e lugar (TUAN, 1983; LIMA, 1997).

Este tipo de recurso utilizado no questionário, isto é, o jogo de associações foi muito positivo, permitindo a exploração da percepção de elementos da paisagem, referenciais imagéticos não mencionados anteriormente pelos entrevistados, permitindo o desenvolvimento posterior de outros aspectos deste estudo.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O deficiente visual adquirido residente na cidade de São Paulo percebe esta como seu lar, seu habitat, seu lugar enquanto paisagem vivida. Teme seus perigos e admira suas virtudes com discernimento e noção de coletividade privilegiados. Por este motivo, as críticas que faz à estrutura urbana são muito significativas, apresentando coerência e imbuídas de respeito aos outros cidadãos, ao reivindicar melhorias práticas a fim de otimizar a qualidade de vida na cidade, a partir de suas próprias experiências ambientais.

Eles não visam somente o benefício próprio, procurando adequar as

soluções de seus problemas de ordem prática e funcional à paisagem urbana, de modo que estas não interfiram negativamente na qualidade e no equilíbrio do meio ambiente no tocante aos outros indivíduos.

A percepção dos elementos naturais na paisagem urbanizada é quase inexistente, à exceção dos parques, praças e outras áreas semelhantes da cidade, que representam um forte atrativo para esta parcela da população. Segundo os entrevistados, nesses locais é possível encontrar certo alívio para a poluição sonora, o aconchego da sombra das árvores que ameniza as variações climáticas características da grande metrópole, enfim, um ambiente de amenidades em contraste com a agitação metropolitana.

A cidade de São Paulo representa ainda a chance ou oportunidade do deficiente visual adquirir e manter níveis de qualidade de vida e independência, uma vez que dispõe de recursos para tanto, mas em contrapartida, as estruturas urbanísticas tornam os elementos componentes da paisagem, sejam bióticos ou abióticos, representantes em vários casos, de dificuldades e obstáculos a serem transpostos no cotidiano de tais pessoas.

Viabilizar a possibilidade de transposição e superação dos mesmos e também do medo e inseguranças durante os processos de adaptação constantes que o deficiente visual está submetido ao vivenciar a paisagem urbana todos os dias, é dever legal do governo e dever moral dos outros cidadãos. Ter a vontade de conseguir alcançar metas e objetivos individuais é um direito de qualquer deficiente, pois se adequa às exigências, às normatizações da legislação vigente, assim como aos preceitos da Agenda 21, no tocante ao direito fundamental da proteção da qualidade sócio-ambiental respectiva aos diferentes grupos de população humana em relação aos ecossistemas naturais e construídos concernentes à paisagem vivida.

Das Propostas de Ações Ambientais

A proposição de programas especiais para este segmento de população poderia envolver palestras abordando temas ambientais como reciclagem, poluição, arborização, fontes de energia, conservação e tantos outros assuntos ligados à qualidade ambiental e de vida, sob uma perspectiva multidisciplinar, como exemplos de primeiros passos, de modo a familiarizar os deficientes com temáticas referentes às questões ambientais.

Somando-se a estas atividades, várias práticas e vivências poderiam ser desenvolvidas, sob uma visão lúdico-educativa e até mesmo terapêutica, tais como reciclagem artesanal de papel, jogos de educação ambiental que explorem outros sentidos além da visão, estimulando a percepção ambiental, cultivo de viveiros de mudas, construção de jardins e criação e monitoramento de trilhas interpretativas especiais para deficientes visuais nos principais parques da cidade.

Além disso, outras proposições devem ser lembradas e indicadas como soluções simples para alguns dos problemas citados pelos entrevistados, enquanto deficientes visuais e com dificuldades de locomoção, durante a realização desta pesquisa:

1- Orelhões telefônicos: sugerimos que sejam colocados sobre plataformas de concreto, de modo que a bengala bata antes neste suporte, evitando acidentes como bater a própria cabeça ou o tronco. Devemos observar a necessidade de uma abertura ou rampa para possibilitar o acesso de outros

deficientes físicos. Outra sugestão seria simplesmente retomar o uso de cabines telefônicas fechadas, novamente dando atenção ao fato da necessidade de serem suficientemente largas para permitir sua utilização por deficientes físicos.

2- Semáforos Sonoros: esta é uma das soluções mais simples. Bastando que sejam colocados dispositivos sonoros em todos os semáforos, e não apenas naqueles próximos a entidades de assistência ao deficiente visual.

3- Guias Rebaixadas: a colocação de "*tartarugas*" de tamanho reduzido com espaçamento tal que permita ao deficiente visual percebê-las ao toque da bengala. Acreditamos que isto não seja um empecilho para a locomoção de deficientes físicos. Em muitos casos, o deficiente visual guia-se pelo traçado da guia para ter noção de profundidade da calçada. Quando chegam à guia, muitas vezes perdem a noção de direção, e não conseguem distinguir se continuam pela calçada em guia rebaixada ou se já atingiram a rua, acarretando acidentes como quedas, atropelamentos, etc.

4- Postes de Ferro: a colocação de grades protetoras ou bases de cimento como proteção, permitindo que a bengala toque antes o obstáculo, evitando que o corpo do deficiente se choque com os postes.

5- Transporte Coletivo: conscientização e treinamento específico de pessoal para auxílio aos deficientes, como previsto no Decreto 3298, de 20 de dezembro de 1999.

6- Cães-guia: sugere-se que seja liberada a entrada de cães-guia em prédios públicos e alguns outros estabelecimentos.

7- Mercado de Trabalho: apesar da lei garantir que toda empresa deve ter uma porcentagem de vagas para funcionários que sejam portadores de deficiências físicas, evidentemente as vagas que poderiam ser preenchidas por esta parcela da população estão sendo ocupadas por não-deficientes. As instituições públicas deveriam servir de exemplo, respeitando estas vagas especiais, asseguradas por lei e disponíveis através de concursos.

8- Calçamentos regulares: calçadas regulares, conforme padrões técnicos existentes para áreas urbanas no tocante à construção de calçadas e outras áreas destinadas a passeios públicos e pedestres. Construção, conservação e manutenção dos calçamentos existentes evitando a formação de buracos, degraus, declives acentuados, etc

9- Elevadores: instalação de elevadores com recursos especiais a exemplo de botoeiras em "Braille" e com indicação sonora dos andares.

10- Detalhes diferenciais: portas com maçanetas adequadas; pisos diferenciados, etc

11- Preconceito: se analisarmos a palavra em si, saberemos que o sentido é sempre decorrente de um "*pré-julgamento*", que por sua vez, deriva de fatores históricos e/ou culturais. Quando não se possuíam recursos tecnológicos e conhecimentos científicos capazes de integrar o deficiente visual à sociedade, o preconceito não podia ser justificado (jamais), mas talvez fosse compreendido. Entretanto, atualmente, dispomos de tantos recursos, que eles sequer são totalmente conhecidos pelos próprios deficientes, mas asseguram sua total capacidade em realizar tarefas das mais diversas. Por que, então, o preconceito persiste? A informação, aclamada como acessível a todos, seria o único remédio contra este mal, combatendo a estigmatização. Cabe a todos nós aprendermos

a olhar o deficiente apenas como outra pessoa, e não como um indivíduo inapto, pois hoje os deficientes já não o são.

Ao considerarmos estes aspectos, temos que buscar caminhos e traçar diretrizes visando um desenvolvimento e planejamento urbanos plausíveis, diante do impasse das experiências de comunidades diferenciadas entre si e que, simultaneamente, habitam e constroem suas paisagens vividas em uma única paisagem, propiciando a interpenetração de mundos, de fluxos e dinâmicas, de ritmos e ciclos, na identificação e demarcação de seus territórios.

A promoção de uma educação voltada aos padrões de uma cultura ecologicamente sustentada, ao perpassar pelos pontos levantados, necessita de um redirecionamento das estratégias pertinentes às políticas de desenvolvimento de comunidades, bem como dos programas e projetos que priorizem a qualidade ambiental e de vida das paisagens construídas, em especial das urbanas, através de linhas específicas.

Este redirecionamento requer mudanças a partir dos próprios integrantes da comunidades em estudo, tendo em vista, uma nova percepção na construção da paisagem vivida, onde se exige que estejam sensibilizados para novas experiências envolvendo não apenas o indivíduo, mas ainda toda a coletividade em relação a um processo de desenvolvimento que priorize a justiça social e a ambiental, mediante o exercício consciente da cidadania.

Ao contribuir para a investigação interdisciplinar, o presente estudo vem estimular um intercâmbio de informações e uma reflexão dos aspectos levantados pela comunidade envolvida, propiciando a geração de novas percepções e conhecimentos sobre ela, subsidiando programas relativos à gestão integrada de recursos, em especial, aqueles que são tomados como diretrizes políticas ou linhas estratégicas para programas e conservação e manejo de paisagens, incluindo aqueles de adequação e reabilitação.

Finalmente, acreditamos que este estudo de percepção ambiental pode conduzir-nos a um conhecimento mais profundo da experiência de espaço e lugar, assim como permite-nos uma melhor compreensão das atitudes, condutas e valores humanos responsáveis, direta e indiretamente, objetiva e subjetivamente, pela proteção ambiental, mediante uma visão ecológica que considere os vínculos topofílicos e topofóbicos existentes na relação Homem/Paisagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil/1988**. São Paulo: Saraiva, 2000.

BUTTNER, A. *"Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido"*, in : CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985, pp.165-193.

BUTTNER, A. and SEAMON, D. (ed.) **The Human Experience of Space and Place**. London: Croom Helm, 1980.

COLLOT, Michel. *"Points de Vue sur la Perception des Paysages"*, **L'Espace Géographique**, n.3, 1986, pp.211-217.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique**, Paris: Presses Universitaires de France, 1952.

LIMA, Solange T. **Paisagens & Ciganos**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro/SP, 1997.

LOWENTHAL, David (ed). **Environmental Perception and Behaviour**. Chicago: University of Chicago, 1967.

NAVEH, Zev and LIEBERMAN, Arthur S. **Landscape Ecology: theory and application**. New York: Springer-Verlag, 1994.

RAFFESTIN, Claude. "*Écogénèse Territoriale et Territorialité*", In: AURIAC, Franck et BRUNET, Roger (coord.), **Espaces, Jeux et Enjeux**. Paris: Fondation Diderot/Fayard, 1986, pp. 172-185.

RAFFESTIN, Claude. "*Paysage et Territorialité*", **Cahiers de Géographie de Québec**, vol. 21, nº 53-54, 1977.

RELPH, E. "*As Bases Fenomenológicas da Geografia*", **Geografia**, v.7, 1979, pp.01-25.

RELPH, Edward. **Rational Landscapes and Humanistic Geography**. London: Croom Helm, 1981.

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

TOMMASI, L.R. **Estudo de Impacto Ambiental**. São Paulo: CETESB, 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Landscape of Fear**. Oxford: Basil Blackwell, 1979.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, values**. New York: Prentice-Hall, 1974.

Páginas Internet:

www.vempravida.com.br

www.laramara.org.br

INFORMAÇÕES SOBRE AS AUTORAS

* Ecóloga, graduada pelo Instituto de Biociências/UNESP, Rio Claro/2000.

** Professora Assistente Doutora do Depto. de Geografia e do Curso de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista/UNESP, Rio Claro, São Paulo / Brasil.

Contatos

E-mails

* E.mail: tamaramb@ig.com.br

** E.mail: hadra@uol.com.br

SUMÁRIO

OLAM - Ciênc. & Tec.

Rio Claro

Vol 1
2001

nº 1

p. 110 - 132

Agosto /

ISSN 1519-8693

www.olam.com.br